

Passo a passo para se tornar um bom roteirista

Miguel Notarangeli

2º Ano de Rádio, TV e Internet



Rey, Marcos. **O Roteirista Profissional – TV e Cinema**. São Paulo. Ática: 1989. 138 páginas

Na obra de Marcos Rey, *O Roteirista Profissional, Televisão e Cinema*, da editora Ática, do ano de 1989, o autor, que é roteirista profissional de TV e cinema explica passo a passo como escrever um bom roteiro, do momento da ideia à finalização do mesmo. À respeito do início do processo, ele ressalta a importância da ideia, que é produto de três fatores: vivência, leitura e imaginação. Com relação ao primeiro, o autor explica que é necessário ter experiência de vida para se escrever um determinado assunto e cita como exemplo grandes autores que produziram grandes obras baseadas em experiências pessoais, como Graciliano Ramos e *Memórias do Cárcere*, Dostoiévski e *O Jogador*.

Ao falar sobre leitura, ele ressalta que esta é a grande fonte de inspiração para a ficção, e todo bom roteirista deve ser, portanto, um bom leitor. Ele menciona até mesmo o fato de muitos filmes estrangeiros serem baseados em obras literárias, e que isso já não acontece muito no Brasil devido

Passo a passo para se tornar um bom roteirista

Miguel Notarangeli

2o Ano de Rádio, TV e Internet

Rey, Marcos. O Roteirista Profissional – TV e Cinema. São Paulo. Ática: 1989. 138 páginas

Na obra de Marcos Rey, O Roteirista Profissional, Televisão e Cinema, da editora Ática, do ano de 1989, o autor, que é roteirista profissional de TV e cinema explica passo a passo como escrever um bom roteiro, do momento da ideia à finalização do mesmo. À respeito do início do processo, ele ressalta a importância da ideia, que é produto de três fatores: vivência, leitura e imaginação. Com relação ao primeiro, o autor explica que é necessário ter experiência de vida para se escrever um determinado assunto e cita como exemplo grandes autores que produziram grandes obras baseadas em experiências pessoais, como Graciliano Ramos e Memórias do Cárcere, Dostoiévski e O Jogador.

Ao falar sobre leitura, ele ressalta que esta é a grande fonte de inspiração para a ficção, e todo bom roteirista deve ser, portanto, um bom leitor. Ele menciona até mesmo o fato de muitos filmes estrangeiros serem baseados em obras literárias, e que isso já não acontece muito no Brasil devido

ao pouco hábito da leitura, e portanto, não há muitas adaptações no cinema nacional. Já a imaginação para ele é, embora importante, a menos confiável, pois uma ideia vinda desse campo pode ser, às vezes, originária de algo que você já viu ou leu e ele ainda completa dizendo que uma ideia não precisa ser necessariamente muito imaginativa, pois até mesmo aquilo que é lugar-comum pode ser de qualidade se for bem recriado e personalizado.

O autor ainda fala no livro sobre a importância da escolha do gênero, pois a partir daí pode se ter a noção sobre o que se vai escrever. Após isso vem a construção do storyline, que consiste em resumir a história em apenas seis linhas. Esse pequeno texto deve conter as informações essenciais sobre a história, sem revelar detalhes ou algo importante. E ele ressalta que se o autor não conseguir ainda por a sua história em apenas seis linhas é porque ela não está completamente desenvolvida e madura.

Após isso segue-se a criação do argumento, que consiste na história detalhada, embora sem diálogos e tratamento técnico. Depois disso vem o mais importante, ou seja, o roteiro em si. E o que não pode faltar na construção de um bom roteiro é noção de quem será o público ideal para aquela história, se será, por exemplo destinada a jovens, adultos, crianças.

O passo seguinte é a construção e elaboração de personagens. Para essa etapa, o autor diz que é necessário conhecer muito bem e a fundo a personagem que será criada, como se fossem pessoas reais. Os roteiros em que os personagens são extremamente bons ou extremamente maus não são mais considerados como roteiros de qualidade, pois as histórias de hoje requerem a construção de tipos mais complexos, que cativem o público. Pensando no perfil de cada personagem, suas ações então, ao serem descritas no roteiro, devem ser imaginadas de acordo com o movimento da câmera e os planos a serem usados em cada cena, e ao fazer isso, o roteirista deverá então retratar com detalhe cada enquadramento. Por exemplo, para ele o Plano Geral dá ideia de onde está localizado algo ou alguém na cena, e os demais planos dão a ideia de por quê, ou seja, o motivo de algo ter acontecido ou de alguém ter feito alguma coisa.

Há um trecho muito bem elaborado no livro que mostra uma entrevista entre um aprendiz a roteirista e um profissional. Na suposta entrevista, pergunta-se se um roteiro pode ter valor literário, e o profissional responde que um roteiro só pode ser considerado uma obra de arte quando ele sai do papel e é finalmente filmado. Ele ressalta ainda que todo roteirista deve conviver com o fato de que quando seu roteiro é filmado, o crédito final irá totalmente para o diretor, pois o produto finalizado é a visão deste. Isto também está relacionado à diferença, apontada no livro também, do roteirista que escreve comercialmente e daquele que cria artisticamente. Embora os dois sofram com mesmo problema após sua obra sair do papel, o artista tem mais liberdade e

ao pouco hábito da leitura, e portanto, não há muitas adaptações no cinema nacional. Já a imaginação para ele é, embora importante, a menos confiável, pois uma ideia vinda desse campo pode ser, às vezes, originária de algo que você já viu ou leu e ele ainda completa dizendo que uma ideia não precisa ser necessariamente muito imaginativa, pois até mesmo aquilo que é lugar-comum pode ser de qualidade se for bem recriado e personalizado.

O autor ainda fala no livro sobre a importância da escolha do gênero, pois a partir daí pode se ter a noção sobre o que se vai escrever. Após isso vem a construção do storyline, que consiste em resumir a história em apenas seis linhas. Esse pequeno texto deve conter as informações essenciais sobre a história, sem revelar detalhes ou algo importante. E ele ressalta que se o autor não conseguir ainda por a sua história em apenas seis linhas é porque ela não está completamente desenvolvida e madura.

Após isso segue-se a criação do argumento, que consiste na história detalhada, embora sem diálogos e tratamento técnico. Depois disso vem o mais importante, ou seja, o roteiro em si. E o que não pode faltar na construção de um bom roteiro é noção de quem será o público ideal para aquela história, se será, por exemplo destinada a jovens, adultos, crianças.

O passo seguinte é a construção e elaboração de personagens. Para essa etapa, o autor diz que é necessário conhecer muito bem e a fundo a personagem que será criada, como se fossem pessoas reais. Os roteiros em que os personagens são extremamente bons ou extremamente maus não são mais considerados como roteiros de qualidade, pois as histórias de hoje requerem a construção de tipos mais complexos, que cativem o público. Pensando no perfil de cada personagem, suas ações então, ao serem descritas no roteiro, devem ser imaginadas de acordo com o movimento da câmera e os planos a serem usados em cada cena, e ao fazer isso, o roteirista deverá então retratar com detalhe cada enquadramento. Por exemplo, para ele o Plano Geral dá ideia de onde está localizado algo ou alguém na cena, e os demais planos dão a ideia de por quê, ou seja, o motivo de algo ter acontecido ou de alguém ter feito alguma coisa.

Há um trecho muito bem elaborado no livro que mostra uma entrevista entre um aprendiz a roteirista e um profissional. Na suposta entrevista, pergunta-se se um roteiro pode ter valor literário, e o profissional responde que um roteiro só pode ser considerado uma obra de arte quando ele sai do papel e é finalmente filmado. Ele ressalta ainda que todo roteirista deve conviver com o fato de que quando seu roteiro é filmado, o crédito final irá totalmente para o diretor, pois o produto finalizado é a visão deste. Isto também está relacionado à diferença, apontada no livro também, do roteirista que escreve comercialmente e daquele que cria artisticamente. Embora os

dois sofram com mesmo problema após sua obra sair do papel, o artista tem mais liberdade e

pode criar um roteiro partido apenas das suas ideias, enquanto o roteirista comercial segue regras, ordens e sofre pressão tanto do diretor e do produtor quanto dos demais que estão investindo no filme.

Em suma, a obra de Marcos Rey pode ser considerada como um grande manual para aqueles que desejam seguir essa carreira, explicando com detalhes os altos e baixos da profissão e mostrando passo a passo como escrever um bom roteiro em todas as etapas, que então poderá se transformar em uma obra audiovisual de qualidade e apreciada pelo público.

pode criar um roteiro partido apenas das suas ideias, enquanto o roteirista comercial segue regras, ordens e sofre pressão tanto do diretor e do produtor quanto dos demais que estão investindo no filme.

Em suma, a obra de Marcos Rey pode ser considerada como um grande manual para aqueles que desejam seguir essa carreira, explicando com detalhes os altos e baixos da profissão e mostrando passo a passo como escrever um bom roteiro em todas as etapas, que então poderá se transformar em uma obra audiovisual de qualidade e apreciada pelo público.